

**Edição:** 2024/2025**Data:** 27 de abril de 2024Duração da Prova: 2h  
Tolerância: 15 min**Prova:** Português

Esta prova é constituída por três grupos de resposta obrigatória. Nas suas respostas, tenha em especial atenção a qualidade da expressão escrita e a estruturação do discurso.

**GRUPO I [100 pontos]**

Leia com atenção o texto seguinte.

**Por uma chávena de café**

1 Aqui há tempos, no termo de uma sumptuosa e castiça refeição fria, que incluía pastelinhos de bacalhau, leitão de Negrais e fofos de Belas, perguntei pelo café. A organizadora do repasto regionalista (tudo tinha origem na área metropolitana de Lisboa), com pouco mais de vinte anos, arregalou os olhos azuis e pôs um ar de incredulidade<sup>1</sup>: «mas o café não é de Lisboa!»

5 Estas coisas devem ser vistas com um grão de sal<sup>2</sup>. Não há coisa mais lisboeta que a «bica» a ferver, como é lisboeta o bacalhau que nos chega da Noruega. A questão não está na origem, está no uso. O café, bebida do demónio, faz *pendant*<sup>3</sup> com o vinho, bebida dos deuses, na lista de preferência dos portugueses. Deve beber-se negro como Belzebu<sup>4</sup>, a ferver como o Inferno, doce como o Amor, puro como os Anjos, segundo a receita acertadíssima de Talleyrand<sup>5</sup>, que não descurava nada do que era verdadeiramente bom.

10 É claro que há quem o prefira deslavado, amargo e temperado com leite. O café é suficientemente democrático para permitir, com indulgência<sup>6</sup>, todas essas tropelias<sup>7</sup>. Aliás, com leite bebiam-no os turcos, que tinham descoberto com espanto como os chineses temperavam o chá com uma *nuage de lait*<sup>8</sup>. Deslavado – e aguado, para mais – é o que nos parece o café dos nórdicos e dos anglo-saxões.

15 Pura ilusão, dizia-me há uns anos o mais conhecido industrial português do ramo: um «balde» como os que se bebem em Londres ou Estocolmo consome, o dobro de café que leva uma «italiana» a preceito (a do Café Greco, em Roma, quase não suja a chávena). E amargo era como o bebiam os primeiros entusiastas, que deixavam as *précieuses*<sup>9</sup> o gosto de o temperar com um cubo de açúcar.

20 Das virtudes tradicionais atribuídas ao café, que mantém desperto, que ajuda à digestão, que estimula o raciocínio, não consegui, até hoje, reconhecer nenhuma. Pelo contrário: se não beber café depois do jantar, dificilmente consigo adormecer (falta-me qualquer coisa); e, apesar de a minha dose de café se resumir, rigorosamente, a três «bicas» por dia, ainda não dei por qualquer quebra na minha energia habitual.

25 O café, porque se tornou um hábito cultural enraizado, é mais o que representa do que os efeitos que efectivamente produz: o remate necessário de uma refeição, a pausa-pretexto para a conversa, o gesto de cortesia de quem recebe. Quando eu era adolescente, convidava-se para um café, que aliás se podia beber em chávena ou naqueles copos grossos que alguns cafés do Porto ainda conservam; agora, propõe-se um copo, talvez porque oferecer um café parece pouco para quem tem alguma coisa de seu.

30 O mesmo acontece com o tipo de café: há trinta anos, ainda, era costume precisar se se pretendia um café de máquina ou de saco. Agora, o expresso à italiana tornou-se ostensivamente dominante e só em alguns restaurantes de luxo se pode ainda pedir um café de balão, a lembrar o tempo em que o filtro era quase tão importante como a mistura (o *blend*<sup>10</sup>, para sermos mais sofisticados).

35 Não sei se hoje se bebe menos ou mais café do que nesse tempo. Mas, pela proliferação de lojas onde se vende café, em detrimento dos lugares onde dantes se consumia, adivinho que o hábito de

fazer o café em casa se tornou tão comum como encomendar a *pizza* pelo telemóvel. Por mim, vou rematar este capítulo com uma chávena de um lote selecionado de café Illy, que é difícil de encontrar em Portugal, mas que, asseguro-vos, é um dos melhores cafés do mundo. Ou não tivesse origem em Trieste, capital habsburguiana dos cafés literários, mundanos, sociais.

António Mega Ferreira, *Uma Caligrafia de Prazeres*, Lisboa, Texto Editores, 2003, pp. 59-60.

Notas:

1. Incredulidade – desconfiança
2. Com um grão de sal – com cautelas, com reservas
3. Fazer *pendant* – combinar
4. Belzebu – diabo
5. Talleyrand -Diplomata francês que adorava comida, sendo conhecido pelo seu apetite refinado.
6. Indulgência – tolerância
7. Tropelia – balburdia, confusão
8. Nuage de lait – espuma de leite
9. as précieuses – o exagero de maneiras
10. o blend – café que resulta de uma mistura de diferentes tipos e grãos de cafés

Responda às seguintes questões.

1. [25 pontos] Releia o segundo parágrafo. Retire do texto a parte que considera mostrar a relevância do café na sociedade portuguesa. Justifique a sua escolha.
2. [25 pontos] Situe-se no quinto parágrafo (l. 24-26): “O café, porque se tornou um hábito cultural enraizado, é mais o que representa do que os efeitos que efetivamente produz: o remate necessário de uma refeição, a pausa-pretexo para a conversa, o gesto de cortesia de quem recebe.” Explique, por palavras suas, a citação apresentada.
3. [25 pontos] Por que motivo poderemos considerar que o cronista faz o elogio do café e mostra a sua relação pessoal e social, de prazer e de cumplicidade com essa bebida? Ilustre a sua resposta com partes do texto que comprovem aquela afirmação.
4. [25 pontos] “Por uma chávena de café”. Que relação vê entre o título e o texto da crónica? Justifique a sua resposta.

### GRUPO II [50 pontos]

Resuma, por palavras suas, num texto de **oitenta palavras**, o excerto da notícia a seguir transcrita, constituída por duzentas e trinta palavras.

#### Como chegou o café a Portugal?

No século XVIII, Portugal, com Francisco de Melo Palheta, durante o reinado do rei D. João V, conseguiu introduzir o café na ex-colónia do Brasil e transformá-lo no maior produtor de café mundial.

A partir do Brasil o café foi levado para as ex-colónias Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe.

Em Angola o café surgiu anteriormente, pensa-se que foi introduzido pelos missionários portugueses. Em Timor o café deu entrada por via de Java com os holandeses.

O cafeeiro Arábica foi introduzido em S. Tomé a partir do Brasil por volta de 1800. Pela mesma época, o cafeeiro foi introduzido pelos portugueses em Cabo Verde. Em Angola, o grupo dos cafeeiros dominante era o Robusta, responsável por 90-95% da produção de café comercial deste território.

Durante o séc. XVIII apareceram os primeiros cafés públicos inspirados nas tertúlias francesas do séc. XVII, tornando-se espaços de animação cultural e artística. Surgiram assim, vários cafés em Lisboa, entre eles o Martinho da Arcada, Café Tavares, Botequim Parras. Já no princípio do séc. XIX abriram os famosos cafés Marrare fundados por António Marrare, siciliano de origem, negociante de vinhos engarrafados, licores e café. Tal como era referido na altura “Lisboa era Chiado, o Chiado era o Marrare e o Marrare ditava a lei”. Com Júlio Castilho, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, entre outros, estes cafés públicos foram autênticas academias de moda e de pensamento.

(...)

*Opinião Pública: Semanário Regional*, 10 de janeiro, 2024

<https://opinioao-publica.pt/sociedade/especial-sociedade/01/10/como-chegou-o-cafe-a-portugal/>

**NOTA:** Antes de iniciar o seu resumo, tenha em consideração as seguintes observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /fá-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo: /2015/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 70 e um máximo de 90\_—, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até três pontos);
  - um texto com extensão inferior a 35 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

### GRUPO III [50 pontos]

Responda a **uma**, e **apenas a uma**, das seguintes questões.

Na folha de prova, assinale a opção que escolheu.

#### OPÇÃO 1

Leia atentamente o fragmento que se segue retirado de um texto de opinião escrito por Fernando Pessoa:

“1. Todo o conhecimento vem dos ou pelos sentidos (...).

2. A razão, ou intelecto, nem percebe, nem cria; tão somente compara, e, por comparação, rectifica e elabora, os dados que os sentidos ministram. A razão, é, portanto, incompetente para determinar uma verdade (...).

3. Os dados de um sentido não podem ser ministrados a quem não possua esse sentido senão por analogia de dados.”

s.d. Textos Filosóficos. Vol. II. Fernando Pessoa. (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho.)

Lisboa: Ática, 1968.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, exponha a sua opinião sobre o que é afirmado no excerto acima transcrito. Para fundamentar o seu ponto de vista, recorra, no mínimo, a dois argumentos.

### **OPÇÃO 2**

Leia a afirmação abaixo.

“Portugal não é o maior consumidor de café do mundo, tão pouco da Europa. Mas, não há dúvidas: os portugueses são movidos a cafeína.”

*Opinião Pública: Semanário Regional*, 10 de janeiro, 2024  
<https://opinio-publica.pt/sociedade/especial-sociedade/01/10/como-chegou-o-cafe-a-portugal/>

Redija, agora, um texto lógico e coerente, com um mínimo de duzentas palavras e um máximo de trezentas, no qual exponha a sua opinião e se posicione, relativamente à importância do café na vida quotidiana dos portugueses, tal como sugere a afirmação apresentada. Fundamente os seus pontos de vista.

**NOTA:** Para efeito de cálculo do número de palavras, aplica-se o estabelecido para o grupo II.

### **COTAÇÃO DA PROVA**

<b>GRUPO I</b>	<b>GRUPO II</b>	<b>GRUPO III</b>	<b>TOTAL</b>
100 pontos (10 valores)	50 pontos (5 valores)	50 pontos (5 valores)	200 pontos (20 valores)